



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E QUALIDADE DA SINALIZAÇÃO TURÍSTICA NO PARQUE NACIONAL DE BANHINE (PNB)

José Anastácio Zunguze

Inhambane, 2019

José Anastácio Zunguze

**Distribuição Espacial e Qualidade da Sinalização Turística no Parque Nacional de
Banhine**

Monografia apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (ESHTI) como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciatura em Informação Turística.

Supervisor: dr. Rufino Bande

Inhambane, 2019

Declaração

Declaro que este trabalho de fim do curso é resultado da minha investigação pessoal, que todas as fontes estão devidamente referenciadas, e que nunca foi apresentado para a obtenção de qualquer grau nesta Universidade, Escola ou em qualquer outra instituição.

Assinatura

(José Anastácio Zunguze)

Data: ____/____/____

José Anastácio Zunguze

**Distribuição Espacial e Qualidade da Sinalização Turística no Parque Nacional de
Banhine**

Monografia avaliada como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em Informação
Turística pela Escola Superior de Hotelaria e Turismo
de Inhambane – ESHTI

Inhambane, aos _____ / _____ / 2019

Grau e Nome completo do Presidente

Rúbrica

Grau e Nome completo do Supervisor

Rúbrica

Grau e Nome completo do Arguente

Rúbrica

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família no geral e a todos aqueles que, de forma direta ou indireta, fizeram parte da concepção deste trabalho.

Agradecimentos

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio de pessoas singulares e colectivas, a quem expresso os meus sinceros agradecimentos pelo apoio prestado ao longo da formação.

Agradecimento especial aos meus pais Anastácio Zunguze e Olga Isabel, pelo apoio incondicional prestado durante a minha formação. Aos meus irmãos, especialmente ao Elísio Zunguze e Adérito Zunguze, pela força, sugestões e motivação.

Ao meu supervisor, dr. Rufino Bande pelo apoio, dedicação, pontualidade e recomendações deixadas durante o desenvolvimento deste trabalho. À Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane em especial, Dr. Daniel, dr. Emídio Nhantumbo, dr. Samuel Júnior e ao dr. Tomo, através de suas orientações consegui alcançar etapas muito importantes da minha formação em Informação Turística.

Muito obrigado aos meus colegas da turma de Informação Turística do ano 2016, que sempre estiveram partilhando comigo momentos académicos e convívio social, em especial aos colegas, André Macedo, Crescêncio Mabasso e Fidel Langa.

O meu muito obrigado, vai ao Parque Nacional de Banhine por ter permitido realizar o estágio curricular e colectar dados que permitiram a elaboração deste trabalho, em especial ao administrador Abel Nhabanga e a todos trabalhadores do parque.

Resumo

A sinalização turística surge como meio de comunicação turística e actualmente, a sua característica universal tem-se verificado em vários países do mundo. Esse meio de comunicação, objectiva orientar os usuários das vias urbanas e rurais, auxiliando e direcionando-os a atingir os destinos pretendidos, objectiva ainda, informar a existência de atractivos turísticos em um destino e, por isso, tem função importante no consumo dos seus destinos turísticos. Nas áreas de conservação em particular, ela é muito importante e visa a preservação dos recursos e protecção do visitante no meio natural. Dessa forma, constituiu-se como objectivo geral da pesquisa avaliar a sinalização turística do Parque Nacional de Banhine, que se localiza a norte da província de Gaza, concretamente no distrito de Chigubo, usando os princípios expressos no Guia Brasileiro de Sinalização Turística. Assim, através da revisão bibliográfica e do trabalho de campo, aplicando técnicas de pesquisa como a observação e a entrevista, conclui-se que, a apesar do maior número das placas avaliadas apresentar uma qualidade boa, as placas não são inteiramente boas. Do número total das placas examinadas, apenas 12% teve uma classificação negativa. Os resultados mais satisfatórios se concentraram nos critérios visibilidade, suficiência e, manutenção e conservação. Já os resultados no que concerne aos critérios, padronização e continuidade e coerência, não apresentaram um dado tão satisfatório. Portanto, não é cabível dizer que a utilização dessa sinalização é um instrumento que proporciona um deslocamento eficaz nas vias e dentro do parque.

Palavras-chave: Sinalização Turística; distribuição espacial; qualidade da Sinalização; Área de Conservação

Lista de abreviaturas e Siglas

AC	Área de Conservação
ANAC	Administração Nacional das Áreas de Conservação
DNAC	Direcção Nacional das Áreas de Conservação
ESHTI	Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane
GBST	Guia Brasileiro de Sinalização Turística
GPS	<i>Global Position Siytemy</i>
MITUR	Ministério do Turismo
MITADER	Ministério da Terra, Ambiente e Desenvolvimento Rural
ONG	Organização não Governamental
PMPNB	Plano de Maneio do Parque Nacional do Banhine
PNB	Parque Nacional do Banhine
PE	Plano estratégico
QR	<i>Quick Response</i>
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

Abreviaturas

EN1	Estrada Nacional 1
Pri.	Princípio
n°	Número

Lista de figuras

Figura 1: Ilustração de uma placa de sinalização turística, características e sua composição .	14
Figura 2: Ilustração de uma placa de sinalização turística indicativa de sentido	14
Figura 3: Ilustração de pictogramas utilizados na sinalização turística (transporte teleférico, restaurante, arquitetura religiosa, praia, Museu e serviços de informação turística).....	15
Figura 4: Ilustração de pictogramas utilizados na sinalização turística (aeroporto, Ilha, jardim zoológico, posto de abastecimento, terminal rodoviário e estabelecimento hoteleiro).....	15
Figura 5: Setas indicativas	16
Figura 6: Tipos de suportes	16
Figura 7: Mapa indicando PNB na área de conservação transfronteiriça do Grande Limpopo	21
Figura 8: Gráfico ilustrando os tipos de placas de sinalização avaliadas no estudo	23
Figura 9: Mapa de distribuição espacial da sinalização, da fauna e de serviços e equipamentos turísticos do PNB.....	27
Figura 10: Mapa de distribuição espacial da sinalização na rota, Ressano Garcia – Maputo - Macia – PNB	28
Figura 11: Gráfico ilustrando a qualidade das placas sinalização turística do PNB	29

Lista de tabelas

Tabela 1: Tipos de placas avaliadas no estudo	22
Tabela 2: Avaliação das placas de sinalização do PNB	24

Índice

<i>Folha de rosto</i>	<i>i</i>
<i>Declaração</i>	<i>ii</i>
<i>Folha de Avaliação</i>	<i>iii</i>
<i>Dedicatória</i>	<i>iv</i>
<i>Agradecimentos</i>	<i>v</i>
<i>Resumo</i>	<i>vi</i>
<i>Lista de abreviaturas e Siglas</i>	<i>vii</i>
<i>Lista de figuras</i>	<i>viii</i>
<i>Lista de tabelas</i>	<i>ix</i>
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1. Enquadramento.....	1
1.2. Problema.....	3
1.3. Hipóteses.....	4
1.4. Justificativa.....	4
1.5. Objectivos.....	6
1.6. Metodologia.....	6
1.6.1. Classificação da pesquisa.....	6
1.6.2. Fases da pesquisa.....	8
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
2.1. Sinalização turística.....	12
2.1.1. Características da sinalização turística.....	14
2.2. Importância Da Sinalização Nas Áreas de Conservação.....	17
2.2.1. Breve contextualização sobre as áreas de conservação.....	17
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	20
3.1. Descrição da área de estudo.....	20
3.1.1. Localização da área de estudo.....	20
3.1.2. Comunidades do Banhine.....	21
3.1.3. Infra-estrutura do parque.....	21
3.1.4. Fauna do PNB.....	22
3.2. Avaliação da sinalização turística do PNB.....	22
3.2.1. Tipos de placas de sinalização avaliadas no PNB.....	22
3.2.2. Critérios ou princípios avaliados.....	23

3.3. Distribuição espacial da sinalização turística do PNB.....	27
3.4. Qualidade da sinalização turística do PNB.....	29
3.5. Processos de gestão da sinalização turística do PNB	29
4. CONCLUSÃO	31
4.1. Recomendações	31
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
APÊNDICES	37
ANEXOS	48

1. INTRODUÇÃO

No presente capítulo, são apresentados assuntos referentes ao enquadramento geral do trabalho, onde é apresentado de forma geral o tema; o problema levantado para a pesquisa; suas respectivas hipóteses; a justificativa; os objectivos a serem alcançados; e por último a metodologia usada na elaboração do trabalho.

1.1. Enquadramento

A sinalização turística é um meio de comunicação no Turismo usado já há alguns séculos. De acordo com a Organização Mundial do Turismo, evidências apontam que as primeiras formas de sinalização utilizadas para o turismo tenham surgido ainda no século XVI, mas precisamente no ano de 1552, (OMT, 2003).

Dada a sua característica universal, o seu uso como instrumento meio de comunicação no Turismo se notabiliza até os dias actuais em quase toda parte do mundo. A viagem em massa estimulou o aparecimento da sinalização em toda parte praticamente ao mesmo tempo, tanto na classificação das estradas como nas instalações turísticas (hotéis, restaurantes, etc.). Em 1968, fez-se a Convenção de Signos e Sinais Rodoviários adotada em Viena, capital de Áustria (OMT, 2003).

A sinalização turística, assume um papel muito importante nas cidades assim como na gestão da biodiversidade em áreas de conservação (AC). A sinalização é importante nas unidades de conservação, uma vez que facilita o acesso e o deslocamento dos visitantes através das placas de localização, possibilitando que o turista se situe no ambiente, sabendo se está na trilha, na zona de uso público ou para onde tal trilha o levará (GABARDO, 2014).

O Parque Nacional de Banhine (PNB), pela sua localização e condições das vias de acesso, a sinalização turística é de extrema importância. Este parque, localiza-se a norte da província de Gaza, concretamente no distrito de Chigubo¹. Esta AC, recebe consideráveis números de visitas de professores e académicos que realizam estudos científicos, estando aberto também para os turistas. A maioria desses visitantes pertence a Universidade Eduardo Mondlate (UEM) e são de diversos cursos voltados a áreas naturais como Engenharia Ambiental e Florestal, Ecologia, Geografia e Turismo. Portanto, considerando a importância da sinalização no interior e nas vias

¹ Localização do PNB, consultada em: <http://www.anac.gov.mz/en/parques/banhine>

do PNB, tanto para o acesso às informações como também para a preservação da natureza, se constituiu o objecto de estudo desta pesquisa.

Esta pesquisa se justifica pelo facto do PNB estar localizado numa zona rural. As pessoas que se deslocam para este lugar, possivelmente deparam-se com problemas relacionados com a sinalização, bem como nas visitas auto-guiadas para os atractivos dentro do parque.

Avaliou-se nesta pesquisa, a qualidade da sinalização turística do parque, usando os princípios da sinalização turística encontrados no Guia Brasileiro de Sinalização Turística (GBST).

A primeira etapa desta pesquisa, consistiu no levantamento bibliográfico e documental, de modo a verificar o que já se escreveu sobre o tema. Para o alcance dos objectivos e resposta ao problema levantado, aplicou-se a observação sistemática, que permitiu a identificação e avaliação da sinalização. Por outro lado, dirigiu-se uma entrevista semi-estruturada a administração do PNB de modo a perceber os processos internos de gestão da sinalização. A análise e tratamento dos dados, foi realizado com o recurso a *Microsoft office excel*, e o *Microsoft office word* para o registo dos depoimentos e factos observados assim como o registo das pequenas conclusões a que se chegarem.

O trabalho está dividido em 5 capítulos, e obedece a seguinte ordem: (I) Introdução, onde faz-se a apresentação geral do trabalho, integrando o problema, as hipóteses, os objectivos, a justificativa que explica o porquê da escolha do tema, a relevância/benefícios que tem na academia, e na sociedade e a metodologia, que mostra claramente todos os passos seguidos para a elaboração do presente trabalho; (II) Revisão bibliográfica, que apresenta o quadro teórico tendo em conta os objectivos propostos; (III) apresentação e discussão dos resultados, onde são apresentados os resultados do trabalho de campo (IV) a quinta parte é a das conclusões tiradas a partir das análises feitas do material consultado, e por fim (V) as referências bibliográficas usadas na pesquisa.

1.2. Problema

Acredita-se que, o facto de existirem deslocações voluntárias e temporárias no Turismo, faz com que, nos destinos turísticos seja pertinente a existência de infra-estruturas para atender as necessidades básicas do turista, uma vez que se encontra em um novo local, necessitando, para tal de um atendimento específico.

Scatolin, *et al* (2006, p. 18), consideram que:

Quando o turista chega a um destino, mesmo que seja sua segunda visita, não tem conhecimento profundo sobre o lugar e precisará de informações para se deslocar. Torna-se imprescindível que toda infra-estrutura seja planejada nas áreas de interesse turístico, com vista a atender da melhor forma possível essa demanda.

Assim sendo, uma atenção especial deve ser dada aos investimentos nas infra-estruturas referentes ao sistema viário e de transporte local, visto que estes também são de fundamental importância para o desenvolvimento socioeconómico de uma região e, que integram um importante componente das infra-estruturas básicas necessárias para a realização do turismo, pois, sem condições básicas de acesso e meios de transporte, o mesmo não é capaz de existir (BENI, 2008).

Tem sido normal nos destinos, observar pessoas se apoiando da sinalização turística e de diversos meios para chegar aos destinos ou então pedir informações aos moradores sobre a localização dos atractivos e dos destinos turísticos.

De um modo geral, verifica-se que, as autoridades responsáveis pelo sistema de trânsito a nível nacional, deparam-se com diversas dificuldades para desenvolver infra-estruturas que atendam as necessidades de quem visita e de quem reside no país, da mesma forma, nota-se a existência de uma sinalização em atractivos turísticos, que não apresentam informações satisfatórias em sua sinalização devido a não obediência dos princípios e objectivos básicos da sinalização turística, principalmente em zonas rurais onde normalmente localizam se as AC.

O PNB, constitui um destino turístico notável a nível da província de Gaza, em particular e do país no geral por ser um local de conservação da biodiversidade mas, ainda é pouco conhecido e existem poucas placas ao longo das principais estradas nacionais indicando esse local. Pela sua localização, uma sinalização que obedece os padrões internacionalmente definidos é pertinente pois não só orienta os visitantes durante suas caminhadas, como também contribui

na segurança do visitante, na protecção e preservação da biodiversidade e do património cultural existente.

Do exposto acima, coloca-se a seguinte questão de partida: *Até que ponto as placas de sinalização do PNB cumprem com os padrões ou princípios internacionalmente definidos?*

1.3. Hipóteses

“Uma fonte rica para a construção de hipóteses é a observação que se realiza dos fatos ou da correlação existente entre eles. As hipóteses terão a função de comprovar (ou não) essas relações e explicá-las”. (LAKATOS e MARCONI, 2003 p. 108)

Assim, a formulação das hipóteses teve como base, vivências da realidade moçambicana (observação) e evidências de estudos já concluídos sobre a sinalização de orientação turística. (DA SILVA 2016; DA SILVA, D. B. L 2008; FRANÇA, R. S & NASCIMENTO F. A. L 2016; GABARDO, M. G. 2014; e SILVA, F.G.S. & MELO, R.S.A. 2012). O presente estudo, foi conduzido pelas seguintes hipóteses:

1. As placas de sinalização do PNB obedece todos os princípios da sinalização turística internacionalmente definidos.
2. A placas de sinalização do PNB obedece apenas alguns princípios da sinalização turística internacionalmente definidos.

Para testar estas hipóteses, aplicou-se uma grelha de observação para avaliar o objecto de estudo *in loco*. Neste caso, a observação permitiu a confrontação das hipóteses através do cumprimento/não dos princípios da sinalização turística estabelecidos no GBST.

1.4. Justificativa

O planeamento é um dos processos mais importantes em qualquer actividade. O caso da actividade turística não é diferente. Para seu sucesso é fundamental uma parceria entre os actores que envolvem o desenvolvimento da actividade turística, sendo eles poder público, comunidade local e empresários (DIAS, 2008).

Esse planeamento é necessário, porque o território é um elemento básico do desenvolvimento turístico, pois abriga os recursos ambientais e culturais dos destinos turísticos, além de ser o espaço físico destinado à instalação da infraestrutura e dos equipamentos que irão atender ao fluxo de visitantes (DIAS, 2008, p. 37).

A sinalização turística não pode ser ignorada no processo de planeamento turístico. Conforme Embratur *et al* (2001) *apud* (Da Silva 2016), a sinalização turística é integrante da infraestrutura do sistema viário de uma cidade e é responsável por fornecer aos seus usuários todas as informações necessárias sobre o uso correcto da via, além de auxiliar nos seus deslocamentos até atingirem o destino pretendido.

Hall (2004) defende que, o planeamento deve ser considerado um processo contínuo e permanente dentro de um espaço de tempo definido, utilizando instrumentos apropriados para a tomada antecipada de decisões, visando uma situação futura desejada. Desta forma, além de instalar essas infra-estruturas, é necessário fazer-se o monitoramento e manutenção dos mesmos.

Por outro lado, a Administração Nacional das Áreas de Conservação (2015, p. 2), no seu Plano estratégico (2015-2024) afirma que:

A avaliação do Turismo em Moçambique, fonte prevista como fundamental na colecta de receitas a reverter para a Conservação da Biodiversidade, está muito abaixo do seu potencial. Este facto preocupa o Estado e o próprio sector, que procuram encontrar as raízes do problema e reverter a actual situação. Porque as áreas de conservação são vistas como meio de atracção de turistas em Moçambique, a recuperação deste potencial depende da disponibilidade de infraestruturas e serviços de apoio ao turismo, desenvolvimento de produtos turísticos baseados nas AC e as possibilidades de manter a integridade e qualidade das AC.

O PNB está localizado numa zona rural, com um notável atraso no desenvolvimento de infra-estruturas básicas e turísticas. Acredita-se que, os visitantes deste local, deparam-se com inúmeras dificuldades relacionadas com a sinalização durante a viagem, e chegados ao local, nas visitas auto-guiadas para os atractivos turísticos.

Moçambique é hoje reconhecido como um país que no seu território alberga recursos naturais suficientes para sair da pobreza, desenvolver-se, e crescer do ponto de vista económico ao nível dos mais prósperos da região e do continente africano (PE da ANAC, 2015). Para tal, esses recursos naturais, não só devem ser bem divulgados como também a sua infra-estrutura de acesso deve ser detalhadamente preparada de modo a permitir uma boa acessibilidade aos mesmos.

O interesse pelo tema surge devido a existência de atractivos que não são explorados a nível dos destinos turísticos por falta de informação sobre os mesmos e pelo facto de existirem placas de sinalização mal concebidas, apresentando informações não satisfatórias no seu conteúdo.

Desta forma, surge como motivação investigar de que maneira a obediência dos princípios básicos da sinalização turística influencia na qualidade da sinalização no PNB, e espera-se que, os resultados desta pesquisa possam ajudar na adoção de medidas para melhorar e fortalecer o sistema de sinalização turística dentro e fora do parque, com intuito de elevar o nível de satisfação do visitante pelo local visitado.

Espera-se ainda que, este estudo possa servir de auxílio e motivação para as próximas produções científicas que venham a ser realizadas sobre o mesmo tema.

1.5. Objectivos

O presente trabalho objectiva, de modo geral, avaliar a qualidade da sinalização turística no PNB. O mesmo, tem como objectivos específicos os seguintes:

1. Identificar a sinalização turística do PNB;
2. Descrever a distribuição da sinalização turística do PNB;
3. Explicar os processos de gestão da sinalização turística do PNB;
4. Propor estratégias para o aprimoramento da sinalização turística no PNB.

1.6. Metodologia

Com maior detalhe são apresentadas as actividades sistemáticas e racionais, caminhos que foram percorridos, as técnicas utilizadas na colecta, processamento e análise dos dados que com maior segurança e economia, permitiram alcançar os objectivos propostos.

Por meio da metodologia é possível estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica. Assim sendo, a metodologia é compreendida como: “a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade” (PRODANOV e FREITAS, 2013:14).

1.6.1. Classificação da pesquisa

É detalhadamente apresentada a classificação geral da pesquisa quanto a abordagem do problema, dos objectivos e dos precedimentos técnicos que foram aplicados na presente pesquisa.

1.6.1.1. Do ponto de vista de abordagem do problema

Quanto a abordagem a presente pesquisa é quanti-qualitativa ou mista, a qual segundo Gomes & Amaral (2005) *apud* Monteiro (2011) é entendida como, aquela que permite que o pesquisador faça um cruzamento de suas conclusões no intuito de ter maior confiança de que seus dados não são produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Ele não se limita ao que pode ser colectado em uma entrevista: pode entrevistar repetidamente, pode aplicar questionário, pode investigar diferentes questões em diferentes ocasiões, pode utilizar fontes documentais e, até mesmo, dados estatísticos.

Para o alcance dos objectivos desta pesquisa e responder à pergunta de partida, foi necessário utilizar uma entrevista semi-estruturadas/padronizada que permitiu saber de que maneira é feita a gestão das placas de sinalização turística do PNB e por sua vez, a observação sistemática permitiu fazer o levantamento de toda sinalização da área de estudo e avalia-la por meio de uma grelha de observação.

1.6.1.2. Do ponto de vista dos objectivos

Quanto aos objectivos, a pesquisa desenvolvida caracteriza-se como exploratória e descritiva.

[...] um estudo é geralmente considerado de natureza exploratória quando envolve levantamento bibliográfico, documental e entrevistas [...] além disso, as [...] pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objectivo de proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado facto (GIL, 1999).

Assim sendo, obteve-se uma visão geral sobre a utilidade da sinalização turística no Parque Nacional de Banhine, sua distribuição espacial e sua qualidade. Por lado, é considerado exploratório pelo facto existirem abordagens sobre a sinalização turística na sua maior parte voltadas nos centros urbanos e não nas áreas de conservação como área de estudo.

A pesquisa descritiva em geral, procura descrever fenômenos ou estabelecer relações entre variáveis. Utiliza técnicas padronizadas de coleta de dados como o questionário e a observação sistemática. A forma mais comum de apresentação é o levantamento, em geral realizado mediante questionário e que oferece uma descrição da situação no momento da pesquisa (DENCKER, 1998:151).

Deste modo, descreveu-se a situação da sinalização turística do Parque na Nacional de Banhine, partindo da identificação dos processos de gestão da sinalização, bem como, da sua avaliação de acordo com os princípios básicos da sinalização turística.

1.6.1.3. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos

A presente pesquisa, como procedimentos técnicos privilegia-se da pesquisa Bibliográfica e documental. Considera-se pesquisa Bibliográfica:

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa (PRODANOV e FREITAS 2013, p.54).

Assim sendo, a recolha de dados preexistentes foi feita através da pesquisa bibliográfica que consistiu na recolha de informações já produzidas por terceiros, mas que foram úteis para a elaboração do trabalho. Essa técnica, forneceu informações sobre: a sinalização de orientação turística, turismo nas áreas de conservação, importância da sinalização turística nas áreas de conservação, dentre outros temas que contemplaram este estudo.

Fonseca (2002) *apud* Gerhardt & Silveira (2009) afirma que, a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc.

Apesar de não ter passado por um rigor científico, o uso desta técnica, reveste-se de capital importância pois, enriquece o trabalho, sobretudo pela consistência e estabilidade dos dados recolhidos nos documentos disponíveis na internet.

1.6.2. Fases da pesquisa

1ª Fase: Preparação do trabalho de campo

Importa salientar que, a revisão bibliográfica antecedeu todo o processo investigativo desse estudo. Desta feita, para o presente trabalho a revisão bibliográfica foi baseada na técnica de análise de conteúdo que consistiu na leitura de textos que versam sobre o tema e a verificação dos trabalhos práticos similares aplicados em outros locais.

Para a avaliação da sinalização do PNB usou-se o Guia Brasileiro de Sinalização turística da (EMBRATUR, 2001), presentes no (anexo A) da presente pesquisa. Este guia, permitiu fazer uma avaliação exaustiva das placas de sinalização da área de estudo, e a sua escolha deveu-se ao facto desta ser mais acessível e reconhecido internacionalmente dado a sua característica universal.

De um modo geral, na preparação do trabalho de campo, fez-se a selecção das técnicas, preparação e construção dos instrumentos de recolha de dados, e a selecção das informações necessárias para a pesquisa, de modo a garantir o sucesso na etapa de recolha de dados.

2ª Fase: Recolha de dados

Para o alcance dos objectivos e resposta ao problema, o presente estudo privilegiou-se dos seguintes instrumentos de colecta de dados: uma entrevista semi-estruturada/padronizada e uma grelha de observação.

a) Grelha de observação

Foi usada na presente pesquisa, uma observação sistemática a qual segundo com Rüdio (2002), requer um planeamento para registro dos fenómenos a serem observados, anotados em documentos preparados, possibilitando o emprego de mensuração quantitativa. Por isso, necessita-se de antemão de materiais já preparados e organizados para a observação: documentos, formulários, planilhas, equipamentos e instrumentos para mensuração. Lakatos e Marconi (2003, p. 193) acrescentam que, "vários instrumentos podem ser utilizados na observação sistemática: quadros, anotações, escalas, dispositivos mecânicos etc".

Portanto, a presente grelha de observação é composta por duas principais partes, a primeira com um espaço para o preenchimento da localização² e tipo de placa e, a outra parte na escala de *Likert* para avaliar a sinalização (vide o apêndice B), e baseou-se para sua elaboração, nos princípios e objectivos básicos da sinalização turística encontrados no GBST.

O uso dessa escala de *Likert* possibilita de um lado conhecer as atitudes, o grau de conformidade, e principalmente a avaliação da sinalização turística por meio de uma escala de um a cinco (1-5), "...] essa escala quantifica as atitudes dos indivíduos baseada em uma ordem de importância numérica qualificativa. Nessa escala se manifesta a concordância ou discordância em relação as variáveis e atitudes relacionadas ao objeto de estudo" (DENCKER, 1998, p. 183).

No entanto, dos sete (7) princípios básicos da sinalização turística, foram seleccionados cinco (5) para a presente pesquisa:

² Importa realçar que, esta localização permitiu a elaboração de mapas indicando toda sinalização do PNB avaliada no presente estudo através da inserção de coordenadas geográficas numa ferramenta cartográfica chamada Arcgis.

1. Padronização;
2. Visibilidade, legibilidade e segurança;
3. Suficiência;
4. Continuidade e coerência;
5. Manutenção e conservação.

Esses princípios, foram seleccionados por jogarem um papel muito importante na deslocação do visitante nas vias e por serem específicos da sinalização turística e, bem como por serem utilizados na maioria dos países.

Importa lembrar que, o princípio da legalidade não foi aplicado pois, para esta pesquisa não houve a necessidade de avaliar as legislações brasileiras. Também não foram aplicadas a questão da actualidade e valorização, porque esse processo de investigação não é singular e cabe as lideranças públicas de uma província, região ou país. Para a elaboração deste instrumento, o pesquisador inspirou-se em estudos já concluídos sobre a sinalização turística de: (DA SILVA 2016; FRANÇA, R. S e NASCIMENTO F.A.L 2016; GABARDO, M. G. 2014; e SILVA, F.G.S. & MELO, R.S.A. 2012).

Para o preenchimento da grelha de observação no que se refere aos princípios, o pesquisador obedeceu uma escala com um peso que variou de (1) a (5):

1. CT = concordo totalmente (5);
2. CP = concordo parcialmente (4);
3. NA= não concordo nem discordo (3);
4. DP = discordo parcialmente; (2)
5. DT = discordo totalmente (1).

Para esta fase conta-se também com o registo fotográfico³, o qual foi feito pelo pesquisador durante o levantamento da sinalização usando um aplicativo disponível no *Play Store* para androides (*My GPS Coordenates*⁴).

b) Guião de Entrevista

³ É importante salientar que, as fotografias resultantes desse processo, foram formatadas e enumeradas numa plataforma da *Microsoft (Publisher 2013)* e estão presentes no apêndice C como evidências do presente estudo.

⁴ *My GPS Coordenates* é um aplicativo que quando instalado num *Smartphone* apresenta uma função de câmara, com a qual, além da imagem a fotografada, permite o acesso á latitude e longitude do objecto, data e hora em tempo real.

Esse instrumento, foi dirigido á administração do parque, de modo a compreender os processos de gestão da sinalização turística no PNB (vide o apêndice A). De acordo com Bandeira (2009:5), nas entrevistas semi-estruturadas, há um roteiro de perguntas pré-formuladas, mas elas não são exclusivas. O entrevistador pode acrescentar novas perguntas que ele achar necessárias durante a entrevista, para aprofundar mais as informações colhidas dos sujeitos. Assim, foi elaborado um roteiro contendo as principais perguntas, considerando que, outras poderão aparecer espontaneamente durante a entrevista.

3ª Fase Análise e processamento de dados

Após a colecta de dados no campo, a fase seguinte encaminhou o pesquisador para análise e interpretação dos mesmos. Esta fase segundo Best (1972) citado por Lakatos e Marconi (2003), representa a aplicação lógica dedutiva e indutiva do processo de investigação. A importância dos dados está não em si mesmo, mas em proporcionarem respostas às investigações.

Para a análise dos dados colectados por meio da observação, a qual faz levantamento e avaliação da sinalização turística do PNB, foram submetidos á uma análise estatística, lançadas numa planilha eletrônica (*Microsoft office excel*) para a obtenção desses valores quantitativos. E no fim, os resultados são apresentados em formas de tabelas e gráficos.

Para a análise dos dados qualitativos recolhidos através das entrevistas e comentários neste trabalho, recorreu-se á técnica de análise de conteúdo, a qual de acordo com (Richardson, 2008), a técnica de análise de conteúdo corresponde a um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos as condições de produção/recepção destas mensagens.

4ª Fase Redacção e apresentação do Trabalho

O resultado da interpretação dos dados, na fase anterior, culminou com a redacção de um relatório com recurso ao pacote informático *Microsoft office word e Microsoft excel*, seguindo as regras mencionadas no Regulamento de Culminação de Curso da Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane (2016).

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Este capítulo está estruturado em dois principais assuntos. O primeiro assunto, aborda sobre sinalização turística, onde define-se, descreve-se seus elementos e bem como, suas implicações nos usuários. O segundo e último assunto abordado neste capítulo é a importância da sinalização nas áreas de conservação, antecedida por uma breve contextualização das AC, onde é enfatizado a relevância da sinalização na comunicação turística, bem como sua importância na mobilidade do visitante em AC.

2.1. Sinalização turística

Acredita-se que, para o sucesso de um destino turístico, é necessário manter as informações mais acessíveis ao consumidor final. Por vezes, essa tarefa não tem sido fácil para os gestores dos destinos turísticos. Deve ser por conta disso que, muitos destinos turísticos continuam sendo desconhecidos e inexplorados⁵ a nível turístico.

Em França e Nascimento (2016, p. 62) encontra-se o seguinte esclarecimento:

A falta de informação é um dos principais problemas que afetam o turista tanto em seu local de origem na hora de planejar e tomar decisão sobre sua viagem, quanto no local de destino durante a viagem, o que, em princípio demanda uma diversidade de informações que devem ser elaboradas e organizadas da forma mais simples e acessível possível.

A Embratur *et al.* (2001), define a sinalização de orientação turística, como sendo a comunicação turística feita por meio de um conjunto de placas de sinalização, implantadas ao longo de um trajeto estabelecido, com mensagens escritas ordenadas, com os pictogramas e setas direcionais.

Embora haja sinalização de trânsito num local, a sinalização turística é essencial como instrumento de comunicação não só por causa das necessidades turísticas mas também dos residentes no geral. Tal como explica Embratur *et al.* (2001) citados por Silva (2016, p. 30):

A sinalização é um elemento indispensável para um bom funcionamento do trânsito. Essa ferramenta é integrante da infraestrutura do sistema viário de uma cidade e é responsável por fornecer aos seus usuários todas as informações necessárias sobre o uso correto da via, além de auxiliar nos seus deslocamentos até atingirem o destino pretendido. Em um destino de turismo, a presença de uma sinalização de trânsito é essencial, porém, não é suficiente. Os visitantes de uma região turística, além de precisarem fazer uso da

⁵ Turismo é uma indústria intensiva em informação. Uma das razões para uma elevada troca de informações entre os vários agentes é a natureza do produto do turismo. (Mtur, 2007)

sinalização de indicação de trânsito, carecem, ainda, de uma sinalização de orientação turística.

França e Nascimento (2016:83), acrescentam ainda que:

As informações por meio da sinalização facilitam o consumo de atrativos assim como produtos e serviços turísticos, fazendo com que visitantes desfrutem de uma experiência mais intensa e recompensadora no local visitado. Assim, como uma alternativa que visa melhorar os deslocamentos dos turistas e conseqüentemente a sua experiência na região de destino, a sinalização turística surge como importante ferramenta de informação e indispensável na infraestrutura turística das localidades.

Entretanto, na visão desses autores a sinalização turística é de extrema para a mobilidade dos turistas e dos residentes no destino turístico. Por outro lado, a sinalização turística é colocada como um elemento da oferta que influencia na experiência do visitante no destino.

Além disso, a sinalização turística num destino, estabelece um importante papel no *marketing* turístico buscando captar e manter turistas no destino turístico. Tal como a firma Barreto Filho (2001) citado por Barbosa; Braga e Malta (2017), a sinalização turística também faz parte do *marketing* turístico e estaria assim compreendida entre todas as ações que visam captar e manter fluxos de turistas. Segundo o autor, a sinalização turística é um exemplo imediato que beneficia os habitantes e os visitantes. [...] facilita a chegada e saída do turista, assim como seus deslocamentos durante sua estadia em determinado local.

A sinalização também exerce grande função na valorização de um local, pois de acordo com Souza (2006) citado por Silva (2016), a sinalização turística é um elemento de valorização do lugar, devendo ser adequadamente integrada ao planejamento de desenvolvimento do turismo em busca da otimização, da qualidade e da melhoria dos produtos/serviços ofertados aos habitantes do lugar e aos turistas.

Por sua vez Da Silva (2016) acrescenta que, o destino precisa de estar adequadamente estruturado e equipado, para que assim possa oferecer boas condições de hospedagem, alimentação, entretenimento, além de proporcionar um sinalização turística eficiente, na qual o visitante possa se locomover com facilidade pela região: seja de carro, de transporte público ou a pé. Assim sendo, a junção destes elementos possibilita a experiência ao turista, e a falta, ou o serviço de baixa qualidade de um ou mais deles, pode comprometer o sentimento positivo da experiência no destino, e conseqüentemente gerar uma avaliação negativa do produto.

2.1.1. Características da sinalização turística

Apesar da sinalização turística ser componente da sinalização de trânsito, ela é específica e possui características própria. De acordo com a Embratur *et al.* (2001) *apud* Da Silva (2016), a sinalização de orientação turística apresenta algumas características específicas para diferenciá-la dos outros tipos de sinalização. Nesse caso, as placas de sinalização turística são padronizadas pela cor marrom⁶, porque estas já são reconhecidas e consagradas na maioria dos países como indicativa de bens e serviços turísticos e patrimoniais, além do estabelecimento de pictogramas, que foram desenvolvidos para facilitar o entendimento das informações contidas nas placas, conforme indica a figura 1 e 2.

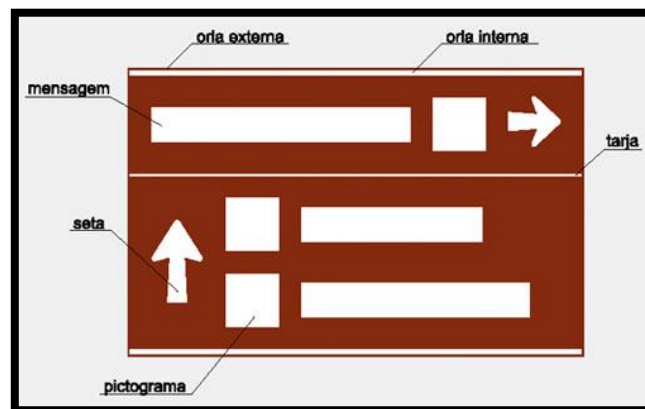


Figura 1: Ilustração de uma placa de sinalização turística, características e sua composição
Fonte: Embratur *et al.* (2001)

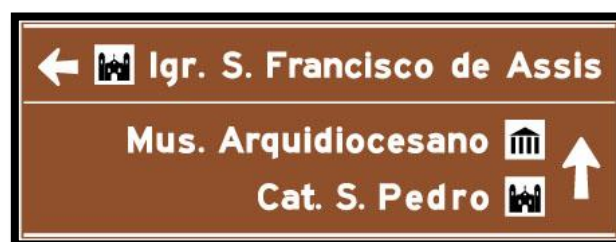


Figura 2: Ilustração de uma placa de sinalização turística indicativa de sentido
Fonte: Embratur *et al.* (2001)

Entretanto, a sinalização turística é específica, composta por desenhos e ilustrações próprias. Os pictogramas desempenham uma função importante no esclarecimento da informação, esses são definidos como: ilustração que sintetizam os tipos de atractivo turístico e de serviço auxiliar, cujo uso é recomendado para facilitar a identificação do destino, complementando a função do

⁶Castanho mais ou menos escuro.

topónimo⁷ e melhorando o esquema de comunicação com o usuário (Embratur *et al.* 2001). Ainda de acordo com mesmo autor, o pictograma deve ser de fácil identificação a distância, constituído por um símbolo na cor preta, sobre campo na forma quadrada de cor branca. Apresenta dimensão variável, conforme tipo de placa e sua visualização na via.

Essa comunicação efectuada através de desenhos, sempre esteve presente na história da humanidade, porque o homem sempre procurou utilizar desse artifício para comunicar-se com outras pessoas (HAYACIBARA e TINOCO, 2013). As primeiras abordagens sobre interpretação por meio de objectos, foram feitas pelo filósofo norte-americano Freeman Tilden. Em sua obra *Interpreting our Heritage*, apresenta a definição e os princípios básicos da interpretação: “uma actividade educativa, que se propõe revelar significados e inter-relações por meio do uso de objectos originais, do contacto directo com o recurso e de meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar informação literal” (TILDEN, 1957, p.30), conforme ilustra a figura 3 e 4.



Figura 3: Ilustração de pictogramas utilizados na sinalização turística (transporte teleférico, restaurante, arquitectura religiosa, praia, Museu e serviços de informação turística)

Fonte: Embratur et al. (2001)

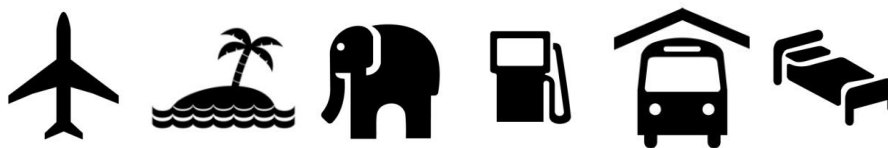


Figura 4: Ilustração de pictogramas utilizados na sinalização turística (aeroporto, Ilha, jardim zoológico, posto de abastecimento, terminal rodoviário e estabelecimento hoteleiro)

Fonte: Embratur et al. (2001)

Entretanto, o uso de pictogramas para a sinalização turística é importante pois, além de facilitar a percepção das informações nas placas, também auxiliam na comunicação para aqueles que falam outro idioma, facilitando, desse modo, o acesso aos atractivos turísticos de um local.

Além dos pictogramas, existe ainda as setas de indicação dos destinos. A seta “é o elemento que indica a direção a seguir para se chegar aos atrativos turísticos sinalizados. As dimensões

⁷Topónimo refere-se ao nome geográfico próprio de região, cidade, vila, povoação, lugar, rio, logradouro público etc. Disponível em:

<https://www.google.com/search?sxsrf=ACYBGNSCuXfo7U9yoYe8CVUuB1XRfG5Jcg%3A1572968065247&ei=gZbBXdzjDqOVIwSL2aT4Bg&q=enciclopedia#dobs=toponimo>

são variáveis, em função do número de informações e da necessidade de sua visualização à distância”. Sem elas, é impossível que o usuário se desloque (EMBRATUR *et al* 2001, p. 49).



Figura 5: Setas indicativas
Fonte: Embratur et al (2001)

Outro elemento de grande importância na produção de placas de sinalização turística é a escolha de uma estrutura de suporte da placa. “Os suportes utilizados são escolhidos de acordo com o projeto de sinalização de cada local, com as condições físicas em relação à visibilidade, largura de passeios, acostamentos e canteiros, e em função do tamanho das placas” (EMBRATUR *et al* 2001, p. 84).

Para Vereta (2007, p. 25), “estes suportes podem ser: coluna simples, coluna dupla, braço projetado, bandeira simples, bandeira dupla, semipórtico simples, semipórtico duplo, cordoalha ou pórtico, cada suporte possui uma característica”, conforme mostra a figura (6).

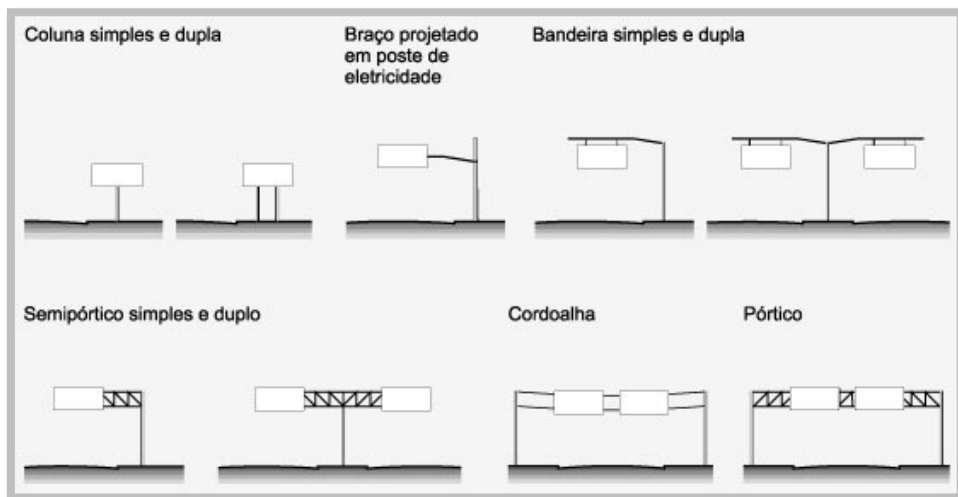


Figura 6: Tipos de suportes
Fonte: Embratur et al (2001)

Desta forma, é muito importante se observar todos esses elementos de modo a atender as necessidades e desejos dos turistas, proporcionando-lhe segurança, orientação, hospitalidade e experiências de qualidade.

2.2. Importância Da Sinalização Nas Áreas de Conservação

Não há como falar da importância da sinalização nas áreas de conservação sem antes, trazer uma breve contextualização sobre as mesmas.

2.2.1. Breve contextualização sobre as áreas de conservação

Sabe-se que, as áreas de conservação são locais que surgem com objectivo de salvaguardar espécies florestais e faunísticos.

Para Santos (2010, p.38) considera-se área de conservação quando:

Trata-se de um local legal que tem por objectivos: o uso sustentável dos recursos naturais; a conservação e reabilitação dos processos ecológicos, a conservação da biodiversidade, o abrigo e protecção da fauna e flora, e, para conseguir assegurar o cumprimento do objectivo aclarado, propiciar uma reserva de diversidade faunística e florística garantido desse modo o equilíbrio ecológico. Também possibilita a regeneração de espécies, servido de habitat de espécies da flora e fauna, conservando assim, parte dos recursos naturais existentes.

Esses locais, para além de servir de habitat dessas espécies, possibilitam ainda, a sua reprodução, protecção e conservação.

Autores como Diegues *et al* (2004) *apud* Da Silva (2008) consideram que, as primeiras iniciativas para a salvaguarda das espécies naturais (...), estão ligadas com o Parque de Yellowstone em 1872 nos Estados Unidos da América (EUA).

Parque de Yellowstone, influenciou bastante para a criação de mais AC a nível mundial cujo os objectivos são específicos. Na ideia de Araújo (2007, p.54), “a criação dessas áreas de conservação tinham que respeitar os seguintes princípios: ser uma área para benefícios e desfrute público, considerando a manutenção para geração futura; espaço com recursos naturais e históricos; e processo do manejo voltado a conservação dos recursos naturais”.

Geralmente, as AC, dadas as suas peculiaridades, atraem pessoas que procuram mais contacto com o ambiente natural. Santilli (2005, p.38), afirma que:

A partir do século XVIII, a crescente redução da qualidade de vida nas cidades da Inglaterra decorrente do processo de industrialização e crescimento populacional associado à conversão de paisagens naturais pela expansão da fronteira agrícola, desperta a valorização do mundo natural. Surge assim uma harmonia pacífica do homem com o meio ambiente proporcionando conceitos de conservação e de equilíbrio entre o homem e a natureza.

Da Silva (2008), acrescenta que, o surgimento das áreas protegidas ocorreu dentro de uma lógica de mercado impulsionadora pelo desejo de satisfazer as aspirações espirituais e de lazer do homem urbano. Assim sendo, as áreas de conservação são locais que recebem turistas para prática de actividades turísticas ligadas a consciencialização ambiental.

O turismo tem o potencial de contribuir para que as pessoas compreendam melhor as questões ambientais, desse modo ampliando a conscientização desses problemas, pois isso faz com que, as pessoas tenham um contato mais próximo com o meio ambiente natural. Esse contato eleva a consciência do valor da natureza e faz com que as pessoas adotem comportamentos e atitudes ambientalmente conscientes para preservar o meio ambiente (DIAS 2003, p. 98).

Em alguns casos, os visitantes participam em actividades de conservação de recursos naturais da AC. Segundo (NIEFER, 2002), a entrada de visitantes nas unidades de conservação pode favorecer a administração dessas áreas, pois estes podem ser aliados na conservação dos recursos naturais. Essa visão, é também partilhada na Lei de Turismo moçambicana, quando esta estabelece que, o Turismo nas áreas de conservação, participa na conservação de ecossistemas, habitats e de espécies da referida área (nº 2 do artigo 9).

Porém, a entrada de pessoas para estes locais, tem contribuído para a destruição da natureza. Em razão do crescimento da atividade turística, as unidades de conservação têm ficado mais expostas a essas ações e aos impactos decorrentes da urbanização em suas áreas de entorno, e, ainda, à presença em massa de visitantes nem sempre sensíveis aos objetivos e à importância destas áreas (OMT, 2003).

Sendo assim, o Turismo realizado em áreas naturais proporciona às pessoas um contacto directo com a natureza, de modo que possam observar a fauna e a flora. Embora, muitas pessoas não possuam os devidos cuidados com a preservação desses espaços naturais. Isso ocorre, muitas vezes, pelo simples facto de não ter orientação de um guia ou das empresas que disponibilizam as actividades no meio ambiente. (GABARDO, 2014)

As áreas de conservação são locais bastante sensíveis e devem ser preparados de modo a atender seus visitantes com comodidade e protecção, bem como, bastante cuidado à natureza a fim de evitar impactos negativos. Segundo Mazza (2006), um recurso muito útil nessas áreas é a

sinalização, a qual é incluída não somente nas trilhas, mas na área como um todo. A sinalização é de extrema importância, uma vez que situa os visitantes e facilita a circulação de pessoas dentro do local que estão explorando. Além disso, demonstra que existem vários aspectos e locais importantes na unidade de conservação para que se possa usufruir sem que haja um desgaste desnecessário para o meio natural. (GABARDO, 2014)

Na ideia da Embratur (2001, p. 20):

As placas de sinalização podem conter somente o nome da trilha, a qual irá percorrer, e/ou um breve histórico do local a ser percorrido. Também pode haver placas indicando por onde pode ou não passar, sem que tenham que abrir novos caminhos ou atalhos que venham a ter tendências de impactos ambientais.

Por sua vez, Gabardo (2014) acrescenta que, esses todos aspectos visam a facilitação e captação de benefícios não só para os visitantes, mas também para o meio ambiente em si, uma vez que evita passagens desnecessárias em determinadas áreas. Ainda de acordo com este autor, a sinalização deve ser pensada de forma a causar o mínimo possível de impacto para com o meio natural. Uma área precisa ser bem planejada para ser sinalizada, contribuindo assim para que pessoas e visitantes saibam melhor quais são seus limites para se deslocar de um ponto ao outro, além de adquirir conhecimentos sobre a fauna e a flora disponíveis.

Concluindo, a sinalização é uma ferramenta essencial para áreas de conservação uma vez que, possibilita a localização dos atractivos bem com a protecção do visitante e do local visitado. Por outro lado, esse instrumento promove a educação ambiental e o conhecimento do local visitado, servindo de um lado a administração da área na protecção e conservação dos recursos naturais e bem como na orientação do visitante durante suas caminhadas para o local e dentro do espaço visitado.

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo dedica-se á apresentação e compilação da informação recolhida através da aplicação dos instrumentos de recolha de dados. Para além da apresentação dos dados, faz-se também a confrontação dos pressupostos defendidos pelos autores consultados na revisão bibliográfica com a realidade encontrada na área de estudo.

3.1. Descrição da área de estudo

De acordo com o Plano de Maneio do Parque Nacional de Banhine⁸ (PMPNB), o parque está dentro da categoria ampla de floresta de Miombo-Mopane (uma das áreas selvagens mais significativas do mundo), sendo a floresta do PNB predominantemente Mopane.

3.1.1. Localização da área de estudo

De acordo com PMPNB (2010), o parque está situado entre as latitudes 22°30'–23°20'S e longitudes 32°15'–33°25'E na Província de Gaza, em Moçambique. Abrange três distritos, nomeadamente Mabalane, Mapai e na sua maior parte o distrito de Chigubo.

Tem aproximadamente 6,000 km² de extensão e vai eventualmente fazer parte do Parque Transfronteiriço do Grande Limpopo que vai ligar o Parque Nacional do Limpopo em Moçambique, o *Kruger National Park* na África do Sul, o Parque Nacional Gonarezhou, o Santuário Manjinji Pan e a Zona de Safari de Malipati no Zimbabué, bem como duas áreas entre o Kruger e Gonarezhou (PMPNB, 2010). Conforme ilustra a figura abaixo.

⁸ Esse instrumento, foi elaborado pela administração do parque em coordenação com DNAC actualmente designada ANAC com objectivo de guiar e orientar o pessoal de gestão nos métodos e abordagens para uma gestão eficaz e eficiente do PNB. Importa salientar que, este documento entra em funcionamento em Agosto de 2010.

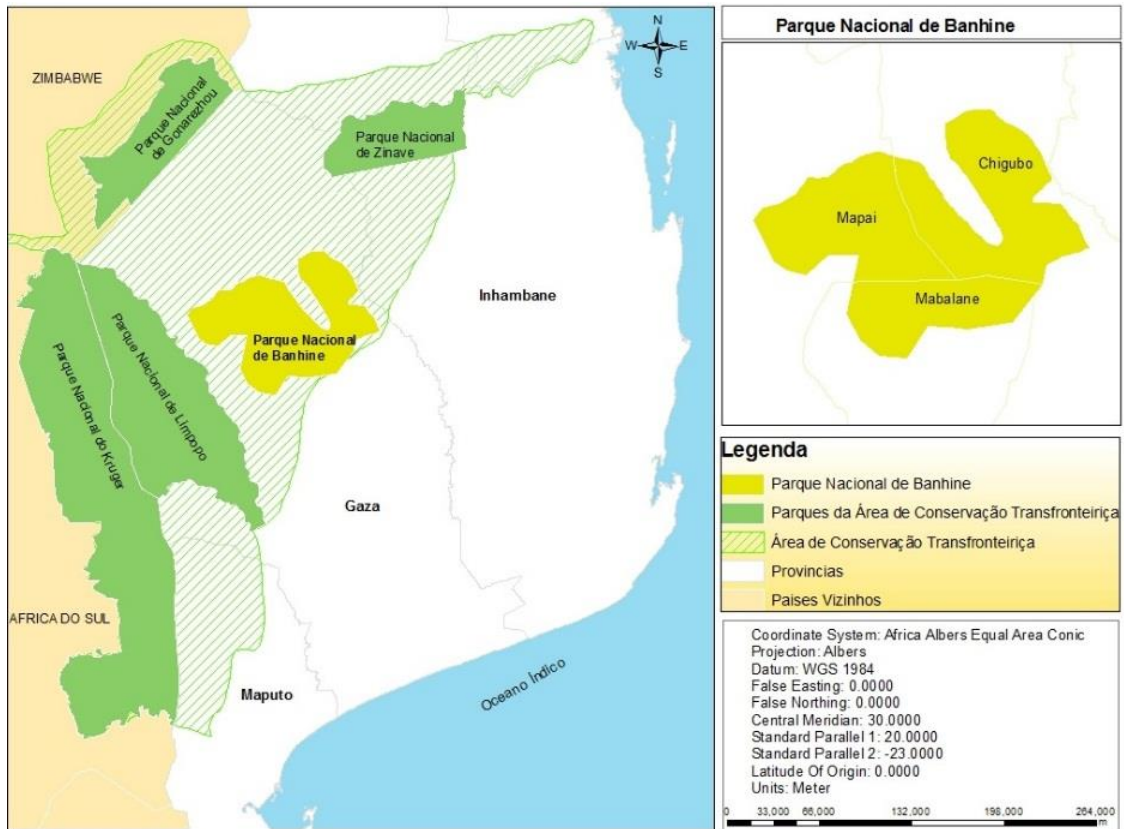


Figura 7: Mapa indicando PNB na área de conservação transfronteiriça do Grande Limpopo

Fonte: Elaboração própria, 2019

Como pode-se observar na figura acima, o PNB é o coração da área de conservação transfronteiriça do Grande Limpopo e através dele pode se chegar aos demais parques usando as vias do interior.

3.1.2. Comunidades do Banhine

Existem aproximadamente 3,500 pessoas que falam Changana dentro da zona tampão do parque, em oito aldeias, que são chamadas colectivamente de ‘a Comunidade de Banhine’. Eles têm rendimentos financeiros limitados, praticam a agricultura tradicional de rotação e usam várias plantas, peixes e animais de dentro do PNB e da sua zona tampão. A distribuição ampla destas aldeias reflecte a dependência da população nos recursos do parque (PMPNB, 2010).

3.1.3. Infra-estrutura do parque

De acordo com PMPNB (2010), existem quatro (4) entradas oficiais (posto de Harriane, posto de Mungazi, posto de Macuambe e o Posto Sede da Direcção). Os postos têm acomodação rudimentar para os fiscais.

O Acampamento Turístico tem seis tendas de safari em plataformas, sala de jantar e cozinha numa estrutura tradicional e duas casas de banho e chuveiros (PMPNB 2010).

3.1.4. Fauna do PNB

O PNB é reconhecido há muitos anos pela sua população de avestruzes. Estudos recentes identificaram populações viáveis de porco do mato, chango, cabrito, impala, inhala, oribi, palapala e facocero, para além de observações de gatos selvagens Africanos, chacal de dorso escuro, macaco cão cinzento, texugo de mel, geneta, porco-espinho, gato-bravo africano, hiena malhada e macaco de cara preta. Apesar dos pássaros de Moçambique serem em geral pouco conhecidos, 306 espécies foram registadas no parque PMPNB (2010).

3.2. Avaliação da sinalização turística do PNB

Foram avaliadas 25 placas de sinalização turística no PNB. Tendo em conta que a avaliação foi feita usando como critérios cinco (5) princípios da sinalização turística encontrados no Guia Brasileiro de Sinalização turística⁹ (GBST) da EMBRATUR, 2001. Estes princípios foram convertidos em afirmações e colocados numa escala de *Likert*.

3.2.1. Tipos de placas de sinalização avaliadas no PNB

Tabela 1: Tipos de placas avaliadas no estudo

Placas de Sentido	Placas de distância	Placas Interpretativas	Total
3	6	16	25

Fonte: Elaboração própria, 2019

Foram identificadas e avaliadas 25 placas de sinalização turísticas no PNB das quais três (3) são de indicação de sentido o que corresponde á 12%, seis (6) de indicação de distância o que corresponde a 24% e por fim 16 placas interpretativas que correspondem a 64% do número total de placas avaliadas, conforme ilustra a figura 8.

⁹ Embora a sinalização turística seja específica, de um modo geral, ela faz parte de um conjunto de sinais reguladores de trânsito, ela obedece os mesmos objectivos e princípios fundamentais estabelecidos pelo Código de Trânsito/Estrada.

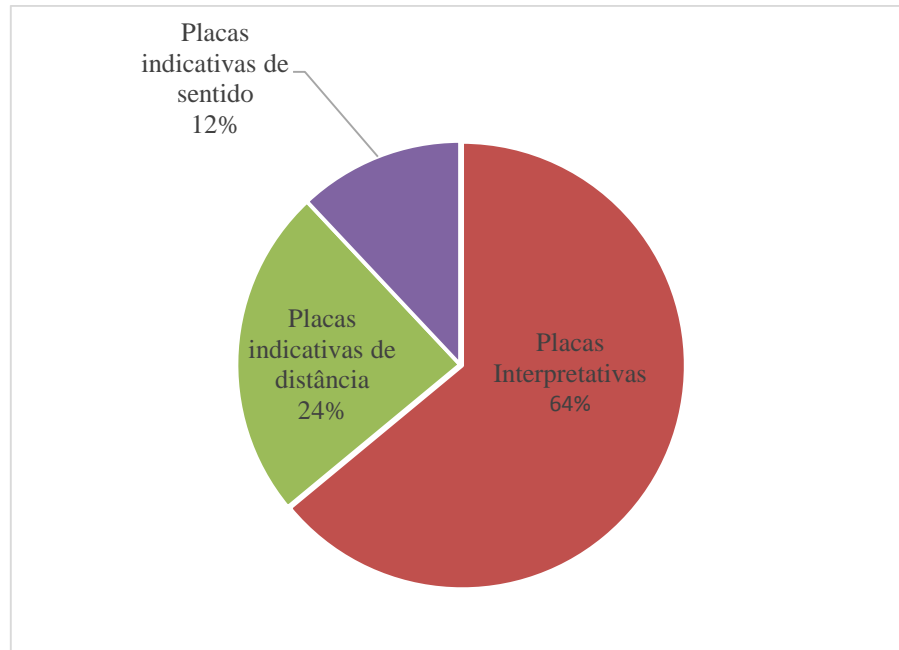


Figura 8: Gráfico ilustrando os tipos de placas de sinalização avaliadas no estudo
Fonte: Elaboração própria, 2019

3.2.2. Critérios ou princípios avaliados

A tabela abaixo mostra o número total de placas avaliadas e a classificação que cada placa obteve dentro de cada princípio avaliado numa escala que partiu de 1-5. Averigua-se que, uma parcela maior da sinalização turística existente no PNB, não atende completamente princípios e objetivos básicos do sistema de sinalização.

Após isso, seguem-se os princípios da sinalização expressos no GBTS e a maneira que cada placa se comporta dentro de cada critério avaliado. Importa lembrar que, avaliação dessas placas sinalização do PNB, foi feita pelo pesquisador na área de estudo usando uma grelha de observação sistemática.

Tabela 2: Avaliação das placas de sinalização do PNB

Placa	Pri.1	Pri.2	Pri.3	Pri.4	Pri.5	Média	Moda	Mediana	Desvio Padrão
1	2	4	4	4	1	3	4	4	1.26
2	4	5	5	5	5	4.8	5	5	0.40
3	5	5	5	5	5	5	5	5	0.00
4	5	5	5	4	5	4.8	5	5	0.40
5	5	5	5	4	4	4.6	5	5	0.49
6	5	5	4	5	5	4.8	5	5	0.40
7	2	4	3	1	3	2.6	3	3	1.02
8	5	5	5	5	5	5	5	5	0.00
9	5	5	5	5	5	5	5	5	0.00
10	5	5	5	5	2	4.4	5	5	1.20
11	5	5	4	5	5	4.8	5	5	0.40
12	4	4	4	2	4	3.6	4	4	0.80
13	4	4	3	1	4	3.2	4	4	1.17
14	4	4	3	1	4	3.2	4	4	1.17
15	4	4	4	2	4	3.6	4	4	0.80
16	2	2	4	2	1	2.2	2	2	0.98
17	4	5	5	4	4	4.4	4	4	0.49
18	4	4	4	2	4	3.6	4	4	0.80
19	4	4	4	2	4	3.6	4	4	0.80
20	2	2	3	1	1	1.8	2	2	0.75
21	4	4	3	1	4	3.2	4	4	1.17
22	4	4	3	1	4	3.2	4	4	1.17
23	4	4	4	4	4	4	4	4	0.00
24	4	4	3	1	4	3.2	4	4	1.17
25	4	4	4	2	4	3.6	4	4	0.80

Fonte: Elaboração própria, 2019

a) Padronização

No que respeita ao quesito padronização, a placa nº 7, 12, 15, 16, 18, 19, 20, 23 e 25 são os principais exemplos de placas que não obedecem o estabelecido no presente princípio (vide o apêndice C). Apesar de possuírem o fundo com a cor castanha, não utilizam a mesma fonte e cor para as letras e algumas destas, foram pintadas manualmente usando pincel e tinta. A inexistência de setas direcionais assim como de pictogramas também influenciaram bastante na sua avaliação negativa. Para a Embratur (2001, a seta é o elemento que indica a direção a seguir para se chegar aos atrativos turísticos sinalizados. Sem ela, é impossível que o usuário se desloque.

Os pictogramas em particular, são de extrema importância pois, além de facilitar a percepção das informações nas placas, também auxiliam na comunicação para aqueles que falam outro idioma. Esses, foram criados com o intuito de facilitar a comunicação entre as pessoas, inclusive com visitantes de outras nacionalidades, tal como sugere a OMT (2003 p. 4), “[...] os signos e símbolos turísticos devem expressar seu significado na linguagem mais universal e simples possível”.

b) Visibilidade, legibilidade e segurança

Neste segundo critério analítico, a placa nº 16 não é legível à distância, apesar de estar bem fixada. O mesmo problema é verificado na placa nº 20, que possui escritas muito pequenas. Ainda neste quesito, as placas nº 13, 14, 21 e 22, dado a sua altura¹⁰, o capim constitui um grande obstáculo pois obstrui a visão do turista, tanto dentro de veículos quanto para turistas a pé ou motorizados.

A segurança é um elemento indispensável para os viajantes, é muito importante que essas placas estejam bem fixadas, e que sua colocação nas vias mantenham uma distância que permita a visualização rápida, a fim de ser lida de forma segura, para que os usuários das vias tenham tempo hábil para a sua tomada de decisão e, assim, evitar hesitação e manobras bruscas, conforme estabelece o GBST.

c) Suficiência

De acordo com os resultados presentes na tabela 1, a suficiência da sinalização avaliada é eficiente, pois uma grande parcela dessas placas teve uma avaliação positiva, oferecendo informações indispensáveis a fim de atender os deslocamentos dos usuários.

As placas que tiveram avaliação negativa, é importante que as informações nelas contidas, indiquem a melhor direção a seguir, a informação sobre a distância a ser percorrida até determinado ponto ou a confirmação de ter chegado a ele. Além disso, a sinalização turística deve atender também o turismo internacional, proporcionando a acessibilidade com a adequação de placas bilíngues (França e Nascimento 2016). Nesse caso, a mensagem das placas

¹⁰ As placas com uma reduzida altura são mais sujeitas à vandalizações, tanto por parte dos animais da AC, quanto das pessoas que vivem ao redor.

podia aparecer também na língua inglesa, oferecendo informações diferenciadas, que propiciem fluidez e segurança de trânsito, conforme o estabelecido no GBST da EMBRATUR.

d) Continuidade e coerência

A continuidade da informação repercute na credibilidade da sinalização na visão dos usuários. Julga-se dizer que esse é um dos objetivos principais de uma sinalização turística, afinal, a continuidade das mensagens visa garantir a realização de todos os deslocamentos previstos pela sinalização e não induzir o usuário da via ao erro ou à dúvida. Prosseguindo com a análise, neste critério, a continuidade da informação, não é proporcionada pela da sinalização do PNB, pois maioria das placas avaliadas tiveram uma avaliação muito negativa neste detalhe. Outra questão que merece realce, é a não proporcionalidade da distância entre as placa¹¹. Essa é uma das questões mais críticas observadas neste estudo, já que, uma grande parcela das placas avaliadas não cumprem este princípio da GBST, quando asseverou que “[...] manter a continuidade das mensagens visa garantir a realização de todos os deslocamentos previstos pela sinalização e não induzir o usuário da via ao erro ou à dúvida, o que possibilitaria a ocorrência de acidentes” (EMBRATUR *et al* 2001, p 28).

As placas nº 13, 14, 21, 22, e 24 são os principais exemplos de não cumprimento deste critério (vide o apêndice C).

e) Manutenção e conservação

Embora a sinalização turística do PNB se localize numa área de conservação¹² e em vias movimentadas, encontra-se num bom estado, pois do número total de placas avaliadas no presente estudo, apenas 5 apresenta deficiência neste princípio e as restantes encontram-se ainda em bom estado (vide o apêndice C) as placas 1, 7, 10, 16 e 20.

Acredita-se que, o mau estado de conservação dessas placas sinalização turística no PNB, está fortemente associada existência de mamíferos de grande porte, a inexistência de uma equipe de manutenção e de um cronograma para a manutenção da infraestrutura.

¹¹ É sempre bom que haja uma separação/distância equitativa entre as placas de sinalização turística sob pena de descredibilizar a mensagem transmitida.

¹² A existência de mamíferos de grande porte como o Búfalo, o Elefante e o Hipopótamo numa área de conservação é uma grande ameaça às placas de sinalização instaladas no local dado a sua capacidade de destruição.

3.3. Distribuição espacial da sinalização turística do PNB

A sinalização turística do parque encontra-se distribuída nos limites da zona de protecção total e da zona tampão. A maior parte da sinalização presente na figura 9 encontra-se vandalizada e predominam ainda placas antigas que não seguem os padrões determinados, apresentando um fundo branco. Essas placas, não foram avaliadas no presente estudo (vide o apêndice D).

A figura abaixo, é composta por duas principais partes, fauna e serviços e equipamentos turísticos. É possível observar três principais funções que sinalização desempenha no PNB.

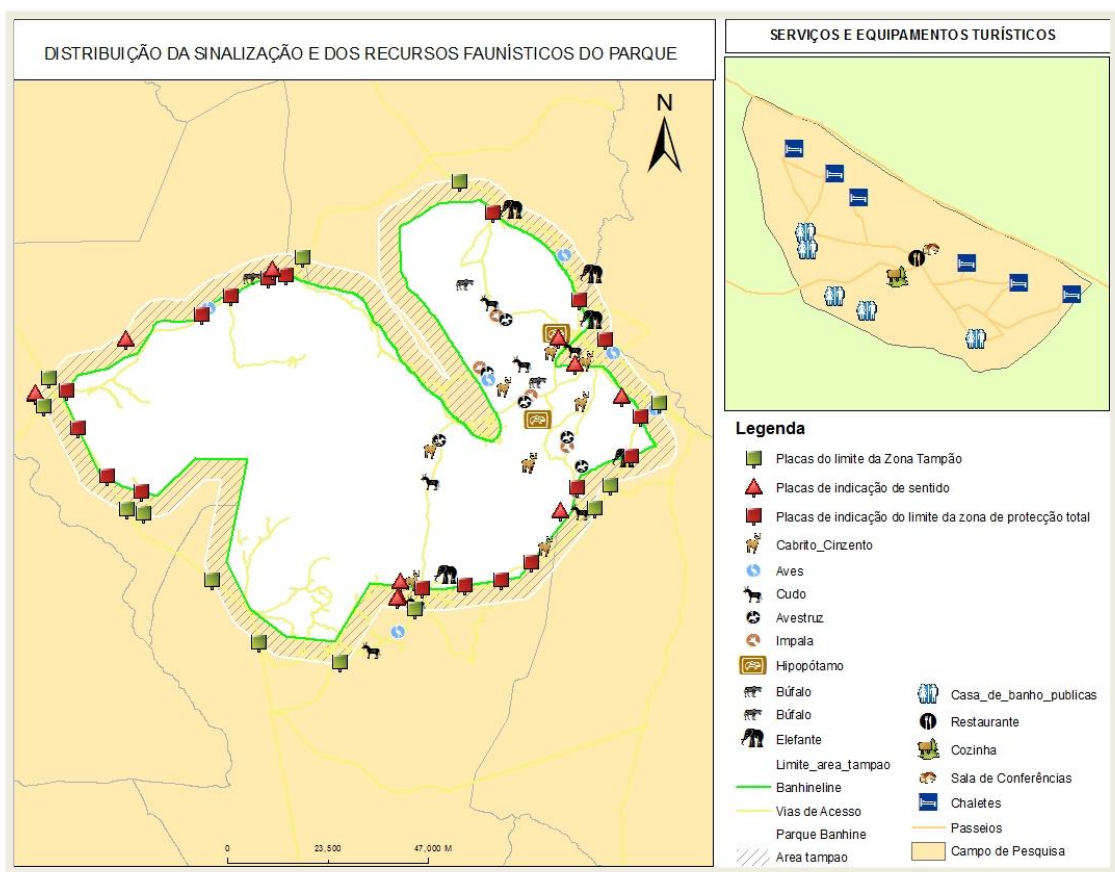


Figura 9: Mapa de distribuição espacial da sinalização, da fauna e de serviços e equipamentos turísticos do PNB
Fonte: Elaboração própria, 2019

Por outro lado, a presente figura demonstra que, a sinalização interna do PNB não indica atractivos turísticos mas sim limites do PNB. Nota-se ainda, a existência de placas de indicação de sentido para a sede do parque e para os postos de fiscalização. Entretanto, não há sinalização em atractivos e bem como em serviços e equipamentos turísticos no PNB, o que é bastante preocupante.

Existem quatro (4) vias/rotas que dão acesso ao PNB PMPNB (2010), selecionou – se uma de modo a apreciar a maneira que a sinalização encontra se distribuída. Neste caso, a escolha foi da Rota de Ressano Garcia a partir do Posto Fronteiriço de Ressano Garcia em Moçambique, para Maputo, e de Maputo para o PNB. Uma das razões da sua escolha é o facto desta, ser a mais prática e acessível a partir da estrada nacional número um (EN1) usando o desvio de Macia, conforme ilustra a figura 10.



Figura 10: Mapa de distribuição espacial da sinalização na rota, Ressano Garcia – Maputo - Macia – PNB

Fonte: Elaboração própria, 2019

Verifica-se que, a distribuição espacial das placas de sinalização do PNB, abrange na sua maior parte o distrito de Chigubo e em menor número os distritos de Chokwé e Macia. Portanto, a distrito de Guija encontra-se sem placas de sinalização do parque. Esta situação, constitui uma evidência clara do não cumprimento do princípio da continuidade e coerência presente no GBST.

3.4. Qualidade da sinalização turística do PNB

Para melhor compreensão dos resultados finais, estabeleceu-se categorias/termos que pudessem refletir na qualidade da sinalização avaliada. As placas que tiveram uma média final de 4.5 a 5 são consideradas como muito boas, as de 4 como boas, as de 3 são boas com reservas ou restrições, e por fim, as que tiveram uma média abaixo de 3 são apontadas como não boas.

De acordo com os resultados finais presentes na tabela 1, verifica-se que, das 25 placas de sinalização avaliadas no PNB, 3 placas que correspondem a 12% de 25, tem uma qualidade muito boa, 7 placas que correspondem a 28% de 25 são boas, 12 placas que correspondem a 48% de 25, possui uma qualidade boa mas com reservas e por fim, 3 placas que correspondem a 12% do número total de placas avaliadas, é classificado como não boas. Conforme ilustra a figura abaixo.

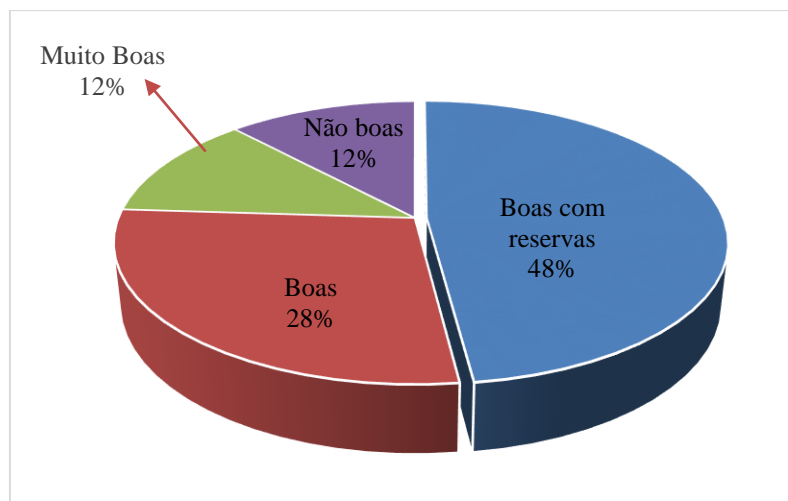


Figura 11: Gráfico ilustrando a qualidade das placas sinalização turística do PNB

Fonte: Elaboração própria, 2019

Entretanto, os resultados desta pesquisa indicam que, a sinalização turística do PNB, apesar de não cumprir com todos os critérios presentes no GBST, apresenta uma qualidade boa pois apenas 12% dela, é apontada como não boa ou péssima.

3.5. Processos de gestão da sinalização turística do PNB

Foi dirigida uma entrevista semi-estruturada a direcção do parque, de modo a perceber de que maneira é feita a gestão da sinalização turística. Nesse caso, dirigiu-se ao administrador do PNB Sr. Abel Nhabanga, e as resposta obtidas através deste instrumento, avançam que, no PNB não existe um departamento específico que lida com a sinalização, a sua gestão é feita através do

departamento de protecção e fiscalização durante suas actividades. Este parque, não possui ainda um cronograma específico para a manutenção da sinalização, ela só é feita de forma situacional, ou seja, durante as actividades de fiscalização.

Quando indagado sobre a existência ou não de um modelo de concepção de placas de sinalização, o Sr. Abel Nhabanga avançou que, *“o parque localiza-se numa zona sem-árida e a maior parte do ano, a vegetação fica seca e as cores das placas assemelham-se a da vegetação seca do local, ou seja, não existe um modelo ou guia para a concepção de placas de sinalização turística no PNB, as placas existentes, foram feitas olhando para estrutura natural da área tanto em termos de cores, escritas e bem como o material usado”*.

Respondendo se a sinalização turística existente nas vias seria capaz de orientar o visitante até ao PNB, o mesmo avançou que, a mesma, não é capaz de orientar turistas até ao PNB e reconhece que muita coisa precisa ser feita para melhorar mas não tem sido fácil para o parque. De igual modo, avançou que, a sinalização turística interna não é eficiente para orientar turistas até aos pontos com concentração de recursos naturais pois o número de placas no local é muito reduzido e as condições das trilhas dificultam esse processo.

Questionado sobre o estágio actual da sinalização turística do PNB, o Sr. Abel Nhabanga avançou que, *“não é bom pois, a área do Turismo não é ainda prioridade para o parque, por essa razão que regista um atraso significativo se comparado com a área de fiscalização. Atualmente, o parque está melhoramento a sua infraestrutura e uma das questões por se mudar é a sinalização mas para tal, precisa-se de um profissional de Turismo para trabalhar em vários aspectos dessa área incluindo a própria sinalização turística.”*

Indagado se o parque já havia sido recomendado por um visitante a melhoraria da sinalização, o Sr. Abel Nhabanga respondeu que, *“tanto os turistas domésticos, quanto os turistas internacionais têm apresentado a sinalização como uma das principais dificuldades, mas graças as recomendações deixadas pelos mesmos, tem-se melhorado vários aspectos na área de Turismo.”*

Fazendo uma avaliação da sinalização do PNB, o Sr. Abel Nhabanga avançou que, *“não está muito mal pois nas principais vias que dão acesso ao parque existe pelo menos uma placa de sinalização, seja para quem vem de Zimbabwe via chicualacuala, Maputo, xai-xai, Inhambane e do Zinave via interior. Sem dúvidas ela precisa ser melhorada pois ao longo das vias existem vários entroncamentos, e em alguns pontos, não a indicação clara.”*

4. CONCLUSÃO

O objetivo principal proposto no presente estudo, tinha por finalidade avaliar a sinalização turística do PNB, tendo como enfoque os princípios básicos da sinalização turística estabelecidos no GBTS. Sendo assim, constatou-se que a sinalização turística do PNB obedece apenas alguns princípios ou padrões estabelecidos pelo guia.

O resultado final não foi tão negativo pois, apenas 12% das placas avaliadas teve uma classificação negativa. Foi visto que, os resultados mais satisfatórios se concentraram nos critérios visibilidade, legibilidade e segurança, suficiência e, manutenção e conservação. Esses três critérios tinham por finalidade verificar se as placas podiam ser vistas e lidas a uma distância de forma segura, a clareza do conteúdo da sua mensagem e, se estavam bem conservadas, ou seja limpas e bem fixadas. Assim, com base nos resultados, foi verificado que, esses três critérios estabelecidos no GBST, são cumpridos de modo satisfatório.

Já os resultados no que concerne aos critérios, padronização e continuidade e coerência, não apresentaram um dado tão satisfatório quanto aos outros critérios aqui examinados. Desta forma, no decorrer do estudo, percebeu-se que as placas não cumprem de forma cabal os critérios estabelecidos quanto a sua forma e cores, bem como a sequência de placas nas vias e a continuidade das informações.

Assim sendo, pode-se afirmar que, das hipóteses levantadas no subtítulo 1.3, valida-se a hipótese número dois (2), segundo a qual a sinalização do PNB obedece apenas alguns princípios da sinalização turística internacionalmente definidos.

Constatou-se ainda que, o número de placas é bastante reduzido tanto nas principais rotas, quanto nas trilhas no interior do parque. Não existem placas de sinalização indicando os atractivos turísticos e outros serviços disponíveis no local. Tratando-se da sinalização em uma AC, ela não deve apenas indicar limites do parque, deve orientar e garantir a segurança do meio natural e do visitante, fazendo-o perceber suas obrigações e limitações.

4.1. Recomendações

Do estudo realizado, apresentam-se a seguir as recomendações para seguimento, baseada única e exclusivamente nos resultados apresentados por esta pesquisa. Assim, com vista a promover o Turismo no PNB, o parque junto com os seus parceiros, tem os seguintes desafios a implementar:

1. Criar de um departamento da *Marketing* e Turismo no PNB;
2. Criar de uma equipe de manutenção, com um cronograma trimestral ou semestral de manutenção da sinalização turística do PNB;
3. Instalar de uma sinalização nos atractivos turísticos, serviços e equipamentos turísticos do PNB;
4. Instalar de mais placas de sinalização turística nos distritos de Guija e Chokwé;
5. Criar uma sinalização inovadora, bilíngue ou trilingue, com pictogramas e se possível com *Qr Codes*¹³;
6. Adotar um modelo universal para concepção de placas de sinalização turística do PNB;

¹³ *QR Codes*, trata-se de códigos de barras bidimensionais, ou seja, através do uso de *Smartphone* e tabletes, podem levar o usuário a um *link* com informações diversas sobre o local em questão.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, Marcos António Reis (2007). *Gestão de unidades de conservação*. Editora: Terra. Brasil, 54 p;
2. ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA DE MOCAMBIQUE. Lei do turismo. Publicada no Boletim da Republica nº24, I série, Lei nº 4 de 17 de Junho 2004
3. BANDEIRA, M. (2009). *Definições das Variáveis e Métodos de Colecta de Dados*. UFSJ
4. BARBOSA, P. F. M; BRAGA, S. S; MALTA, P. A. G. *Análise da sinalização turística em Belo Horizonte/MG 2013-2014*. Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG (2017)
5. BARRETO FILHO, Abdon. Marketing turístico para o espaço urbano: comentários acadêmicos e profissionais. p. 61-67. In: CASTROGIOVANNI, António Carlos (Org). *Turismo Urbano*. São Paulo: Contexto, 2001. 111 p.
6. BENI, M. C. Conceituando turismo rural, agro-turismo, turismo ecológico e ecoturismo. In: BENI, Mário Carlos. (2008) Brasil.
7. BEST. J. W. (1972). *Como investigar en educacion*. 2. ed. Madrid: Morata, Capítulos 1 e 2.
8. DA SILVA, D. B. L. Turismo em unidades de conservação: *Contribuições para a prática de uma atividade sustentável no parque Nacional dos Lençóis Maranhenses*. Universidade de Brasília (2008)
9. DA SILVA, Viviane P. *A percepção dos viajantes locatário de veículos sobre a sinalização de orientação turística em Natal-RN/*. - Natal, RN, 2016. 63f.
10. DENCKER, Ada de Freitas Maneti (1998). *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura.335 p.
11. DIAS, Reinaldo (2003). *Turismo Sustentável e Meio Ambiente*. São Paulo: Atas Editora, p.25-60;
12. DIAS, Reinaldo (2008). *Planejamento do Turismo: Política e Desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Editora ATLAS.
13. DIEGUES, A.C. *et al*. Desenvolvimento Sustentável ou Sociedades Sustentáveis: da crítica dos modelos aos novos paradigmas. 2004. Disponível em: http://www.preac.unicamp.br/eaunicamp/arquivos/diegues_rattner.pdf Acessado aos: 20 de Marco de 2019 pelas 20horas.

14. EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo); IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional); DETRAN (Departamento Nacional de Trânsito). *Guia brasileiro de sinalização turística*. Brasília, 2001.
15. FONSECA, S. (2002). *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
16. FRANÇA, R. S; e NASCIMENTO, F. A. L. *Sinalização de orientação turística: discussão, normas, proposições e avaliação de sua disposição: o caso de currais novos/rn*. 11/05/2016 a 11/08/2016. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2016)
17. GABARDO, M. G. *Sinalização da Zona de Uso Público da Floresta Nacional de Irati/pr*. Grau De Bacharel em Turismo. Universidade Estadual do Centro-Oeste-Unicentro, Campus. Departamento de Turismo 2014.
18. GERHARDT, Tatiana & SILVEIRA, Denise (2009), *Métodos de Pesquisa*, 1ª edição, Porto Alegre, UFRGS, 120 p.
19. GIL, A. (1999). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. (5ª Ed.). São Paulo: Atlas.
20. HALL, Colin Michael. *Planejamento Turístico: Políticas, Processos e relacionamentos*/tradução de Edite Sciulli. 2ª. Ed. – São Paulo: Contexto,2004.
21. HAYACIBARA; TINOCO. Pictogramas – Sua aplicação nos Sesc Paulistanos. Disponível em:<http://www2.espm.br/sites/default/files/pagina/fernandahayacibara__ii_semic_2013_0.pdf> Acessado em: 10 de Junho de 2019.
22. LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A (2003). *Fundamentos de metodologia científica 1*, - 5ª. ed. - São Paulo : Atlas.
23. MAZZA, C. A. S. *Caracterização da paisagem da Microrregião Colonial de Irati e zoneamento da Floresta Nacional de Irati, PR*. São Carlos: UFS Car, 2006.
24. MONTEIRO, A. *A Sustentabilidade do Turismo em Cabo Verde: uma análise histórica e conceitual do processo de desenvolvimento do Turismo nas ilhas do arquipélago* 2011. Dissertação de mestrado em Turismo, universidade federal de Bahia, Baía, Salvador, Brasil.2011
25. MTUR, (Ministério do Turismo). *Caracterização e Dimensionamento do Turismo Doméstico no Brasil: 2002 e 2006*. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.
26. NIEFER, I. *Análise do perfil de visitantes das Ilhas do Superagüi e do Mel: marketing como instrumento para um turismo sustentável* 2002. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
27. OMT – Organização Mundial de Turismo (2003). *Guia de Desenvolvimento do Turismo*

- Sustentável*. São Paulo: Bookman.
28. PE – Plano Estratégico da Administração Nacional da Áreas de Conservação 2014-2024. *online*. Disponível: <http://www.anac.gov.mz/wp-content/uploads/2017/07/Plano-Estrategico-da-ANAC-2015-2024-1.pdf> [Consultado em 23 /08/2019]
 29. PMPNB. (Plano de Maneio do Parque Nacional de Banhine). *Plano de Maneio*. Direcção Nacional das áreas de conservação. Ministério do Turismo Agosto de 2010.
 30. PRODANOV, C. C & FREITAS, E. C. (2013). *Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico*, Rio Grande do Sul – Brasil.
 31. RICHARDSON, R. (2008) *Pesquisa Social: métodos e técnicas*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Atlas
 32. RÚDIO, Franz Victor (2002). *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 30. ed. Petrópolis: Vozes.
 33. SANTILLI, Juliana (2005). *Socioambientalismo e novos direitos: Protecção jurídica à diversidade biológica e cultural*. Brasil, p.36-38;
 34. SANTOS, F. S. D. A importância da Biodiversidade. *Revista Científica de Educação a Distância*. Edição Especial, dez. P.36-41; 2010.
 35. SCATOLIN, K., SILVA, N. G., BARBOSA, T., & MONTEIRO, V. (2006). *Sinalização Turística Interpretativa e Indicativa: um Estudo de Caso do Centro Velho da cidade de São Paulo*. 2006. Monografia de graduação em Planeamento turístico, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP, Brasil.
 36. SILVA, F.G.S. & Melo, R.S.A. Contribuição da sinalização turística para o desenvolvimento turístico da cidade de Parnaíba (PI, Brasil). *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*. São Paulo, 6 (2), p. 129-146. 2012
 37. SOUZA, Maria Eliane Alves de. *Sinalização turística e percepção do espaço geográfico*. *Revista Turismo – Visão e Ação*. v. 8, n. 1. 2006, p. 165-176. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/504>>. Acessado em: 02 de Maio de 2019. ISSN: 1983-7151.
 38. TILDEN, Freeman. (1957). *Interpreting our heritage: principles and practices for visitor services in parks, museums, and historic places*, The University of North Carolina Press.
 39. VERETA, Karetá. *Sinalização Turística da Cidade de Irati*. 2007. Turismo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Centro Oeste, Campus

Universitário de Irati – PR. Disponível em: ww2.unicentro.br/detur/files/2014/09/TCC-Karen-Vereta.pdf?x6440. Acesso em: 23/09/2019

APÊNDICES

Apêndice A – Guião De Entrevista Dirigido a Administração Do PNB



Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

Esta entrevista é dirigido ao administrador do Parque Nacional de Banhine como meio de colecta de informações que possibilitem o desenvolvimento da pesquisa intitulada “DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E QUALIDADE DA SINALIZAÇÃO TURÍSTICA NO PARQUE NACIONAL DE BANHINE, com a finalidade de produção de um trabalho no curso de em Informação Turística ministrado na Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane.

1. Existe um departamento que lida directamente com a sinalização turística?
2. De que maneira a administração lida com a questão da sinalização turística no PNB?
3. Com que periodicidade é feita a manutenção da sinalização turística no PNB?
4. Existe modelo de sinalização turística que é usado para concepção de placas de no PNB, tanto dentro, assim como de fora? Se sim, qual?
5. Será que a sinalização externa é capaz de guiar ou orientar o visitante até ao PNB?
6. Será que a sinalização do PNB é capaz de guiar ou orientar o visitante aos atractivos/recursos turísticos sem que haja impactos sobre o meio natural?
7. Qual é o estágio actual da sinalização turística no parque (se está boa ou não? Justifique!
8. Que actividades estão sendo levadas a cabo para melhor a sinalização turística do parque?
9. Alguma vez foram recomendados por um visitante melhor a sinalização do parque?
10. Quais são os constrangimentos que tem se deparado na gestão da sinalização do parque?
11. Como é que faz a avaliação geral da sinalização no parque? Justifique!

Apêndice B – Grelha De Observação



Escola Superior de Hotelaria e Turismo de Inhambane

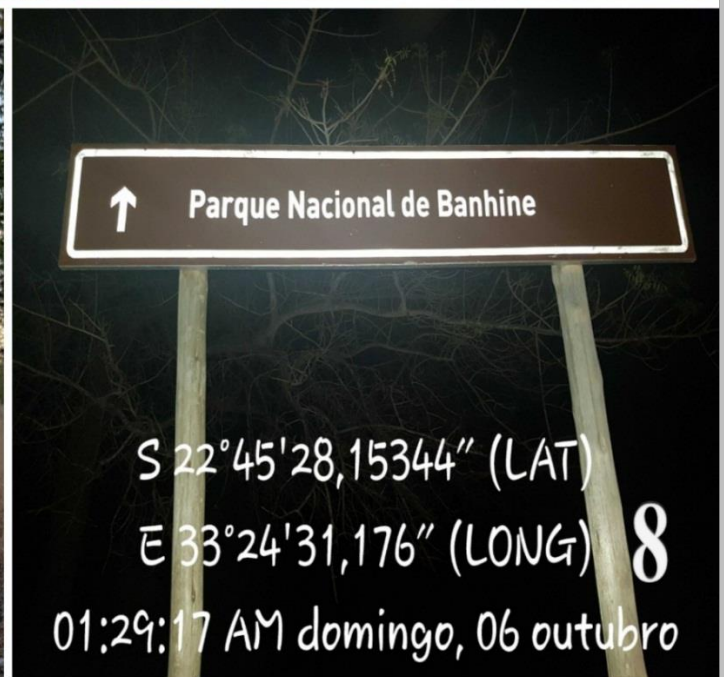
DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL E QUALIDADE DA SINALIZAÇÃO TURÍSTICA NO PARQUE NACIONAL DE BANHINE (PNB)

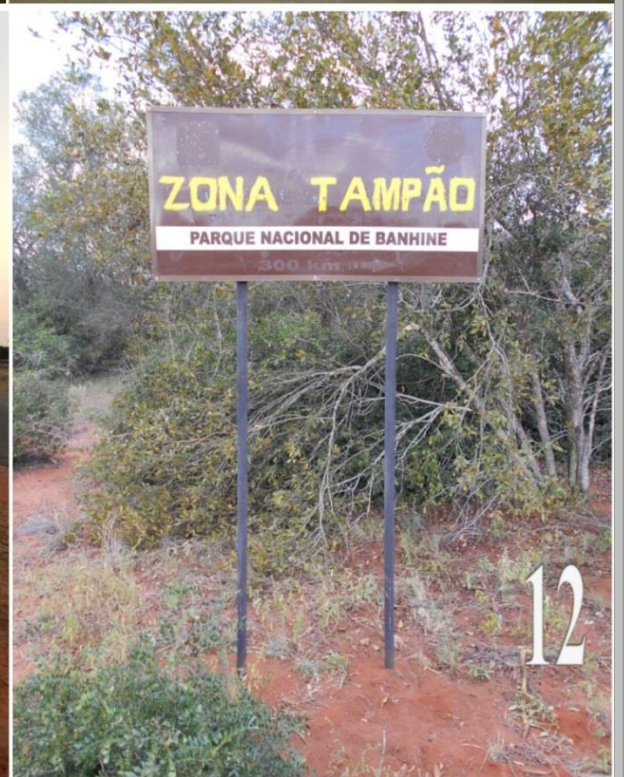
Data: ____/____/2019

Objecto observado					
Localização da placa	Longitude:				Nome do Local/zona
	Latitude:				
Tipo de Placa					Opções:
Afirmação (princípios)	CT	CP	NA	DT	DP
A placa de sinalização turística está padronizada quanto a: cor de formas dos sinais; letras, tarjas, setas e pictogramas que permitem a correta assimilação das informações turísticas ao longo das vias.					
Pode ser visualizada e lida a uma distância que permita segurança e tempo hábil para a tomada de decisão, de forma a evitar hesitação e manobras bruscas.					
As informações contidas na placa de sinalização oferecem todas as informações necessárias para atingir os destinos pretendidos e auxiliam na adaptação às diversas situações viárias.					
A placa mantém a continuidade das mensagens até atingir o destino pretendido, garantindo coerência nas informações.					
A placa de sinalização turística é bem conservada; é limpa, bem fixada.					

Apêndice C - Placas De Sinalização Turística Avaliadas No PNB









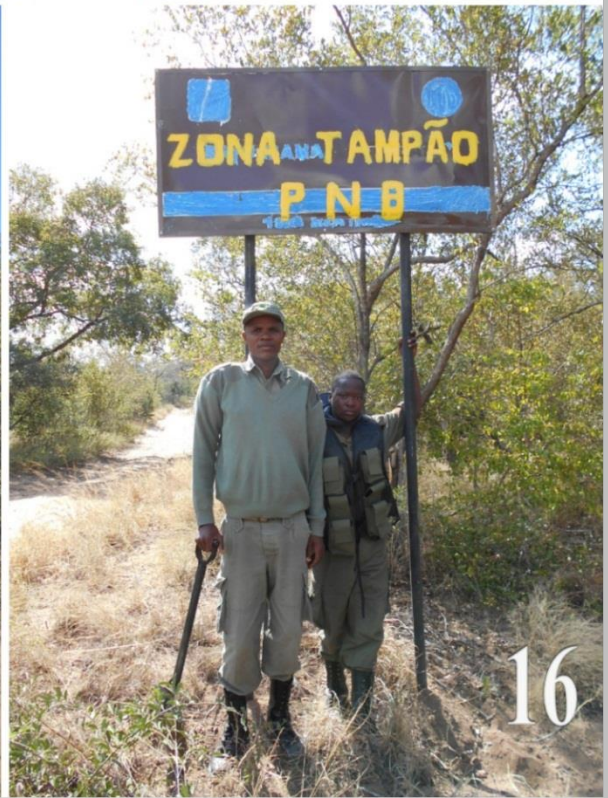
13



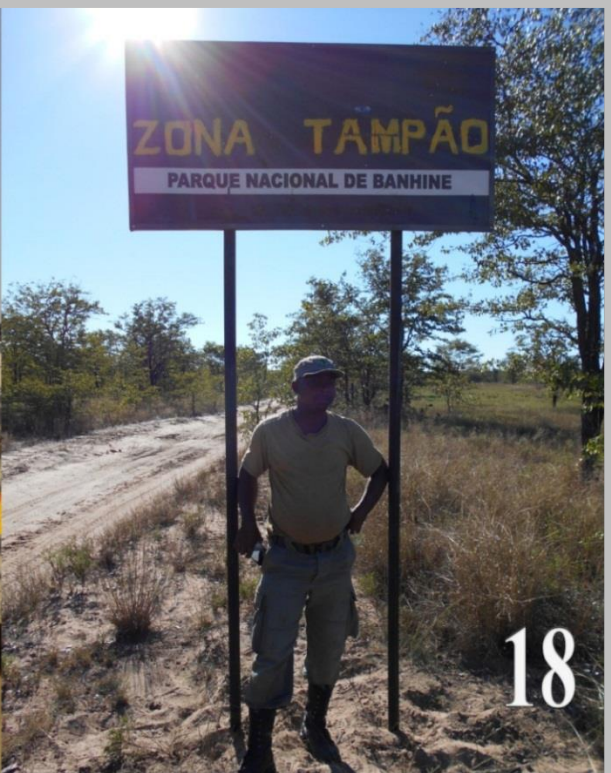
14



15



16







Apêndice D – Sinalização vandalizada e placas antigas sem cunho turístico no PNB



ANEXOS

Anexo A: Princípios Básicos Da Sinalização Turística:

1. Legalidade - cumprir o estabelecido no Código de Trânsito Brasileiro – CTB e nas resoluções do Conselho Nacional de Trânsito – CONTRAN; cumprir a legislação de preservação de sítios tombados pelo IPHAN e protegidos pela Lei de Arqueologia;
2. Padronização -seguir um padrão preestabelecido quanto a: Formas e cores dos sinais; letras, tarjas, setas e pictogramas; aplicação – situações idênticas sinalizadas da mesma forma; colocação nas vias ou nas localidades;
3. Visibilidade, legibilidade e segurança -ser visualizada e lida a uma distância que permita segurança e tempo hábil para a tomada de decisão, de forma a evitar hesitação e manobras bruscas; selecionar trajetos de fácil compreensão para os usuários, com o objetivo de valorizar os aspectos de interesse cultural e turístico, levando em conta a segurança do trânsito; garantir a integridade dos monumentos destacados e impedir que a sinalização interfira em sua visualização; resguardar as peculiaridades dos sítios;
4. Suficiência - oferecer as mensagens necessárias a fim de atender os deslocamentos dos usuários; auxiliar a adaptação dos usuários às diversas situações viárias;
5. Continuidade e coerência - segurar a continuidade das mensagens até atingir o destino pretendido, mantendo coerência nas informações; ordenar a cadência das mensagens, para garantir precisão e confiabilidade;
6. Atualidade e valorização -acompanhar a dinâmica dos meios urbanos e rural, adequando a sinalização a cada nova realidade; assegurar a valorização da sinalização, mantendo-a atualizada e evitando gerar desinformações sucessivas;
7. Manutenção e conservação -estar sempre conservada, limpa, bem fixada e, quando for o caso, corretamente iluminada.

Guia Brasileiro de Sinalização Turística (GBST)

(EMBRATUR *et al.* 2001)